

**MARTINS, Maria Manuela Brito – *Introdução à Filosofia Patrístico-Medieval*.
Porto: Universidade Católica Editora-Porto. 2016. 221 p.**

É difícil apresentar uma pessoa cuja fama – conforme já ouvimos dizer na Universidad Pontificia Comillas – a precede amplamente. Mas, ainda que pressentindo a superfluidade deste empreendimento, tentemos referir alguma coisa a esse respeito no início desta recensão, começando por algo de tão simples quanto fundamental como o nome de tal pessoa. Em concreto: Maria Manuela Martins (MMM). Doutorada em Filosofia e Letras pela Universidade Católica de Louvaine-la-Neuve, graças à defesa da tese *L'Herméneutique originaire d'Augustin en relation avec une ré-appropriation heideggerienne*, MMM é das poucas pessoas a nível mundial de quem, enquanto profundíssima conhecedora da filosofia medieval, se pode dizer não só que é amiga de Agostinho de Hipona e dos grandes pensadores franciscanos medievais, mas que, tal qualmente e na já bem real Comunhão dos Santos em que a reciprocidade da amizade é plena, estes serão seus amigos intimíssimos. Tendo-se dedicado nos últimos, e imensamente fecundos, anos da sua carreira profissional e académica ao ensino – nomeadamente, de distintos cursos de história da filosofia na Universidade Católica Portuguesa –, não deixou, porém, de continuar a ser um farol a nível da redação de diversos estudos de reconhecido valor (entre estes, gostaríamos de destacar *The Concept of Peregrinatio in Saint Augustine and*

its Influences e La Présence de la pensée augustinienne dans le Prologue de L'Ordination de Duns Scot), bem como da preleção de conferências em importantes simpósios internacionais e nacionais. Eis um conjunto de factos que, todos somados, nos permitem compreender a pertinência daquela antes mencionada fama.

Passando à consideração da obra que motiva estas nossas palavras, é de aduzir, numa primeira caracterização que pouco acrescentará ao próprio título da mesma, que se trata de um manual introdutório ao pensamento filosófico de alguns dos mais importantes autores e temas do período patrístico e medieval. Contudo, a verdade é que os termos, marcada e decididamente descritivos, usados na composição daquele título são, na nossa opinião, manifestamente insuficientes para a exata valorização e qualificação desta obra. Efetivamente, os mesmos poderiam dar a entender que esta obra consistiria numa simples consideração elementar de assuntos escolares – realidade em parte verdadeira, ou não se tratasse este trabalho de uma recomposição cuidadosa do material que MMM tem comunicado nas suas aulas de História da Filosofia Antiga e Medieval –, ocultando, dessa forma, que é muito mais do que isso. Este livro é, isso sim, uma verdadeira *summa* que recolhe, num encadeamento histórico perfeitamente fundado e ainda que

inevitavelmente seletivo, o essencial do essencial do sabido acerca de questões que descrevem, sem definirem e no seio de um mútuo polir das arestas pela fricção entre as tradições (neo)platónica e aristotélica, o evoluir das especulações patrístico-medievais acerca dos dois polos da mais importante relação da História. A saber: o Ser que é Deus e o ser humano, trazendo estes, por seu lado e consigo, a ponderação das distintas perspectivas acerca da teoria do conhecimento humano, mormente no que concerne a Deus.

Talvez pudesse dizer-se que, no meio da aventura do pensamento delineada por MMM, os seus "heróis" são Agostinho, Boaventura e o Aquinate; todavia, talvez isso seja uma apreciação quantitativa precipitada, pois, na realidade, ficámos com a impressão de que o seu carinho está igualmente presente em pessoas como Dionísio Pseudo-Areopagita e João Escoto Eriúgena. De todos os modos, o cuidado colocado pela Autora na elaboração dos seus, mais ou menos longos, pareceres acerca de todos os Autores – solidamente inseridos numa breve, mas cuidadosa, descrição dos ambientes culturais e contextos biográficos dos mesmos – é coextensivo a todas as partes da sua obra. Partes estas que, sendo porventura iconoclásticas face a outros pontos de vista análogos, passaremos a indicar de um modo extremamente sucinto e recordando o escopo fundamental da Autora que indicámos no fim do parágrafo antecedente.

Assim e na "Introdução", MMM indica claramente quais os objetivos que nortearam o seu estudo e que, de algum modo e embora a partir de olhares distintos, nós mesmos já elencámos. No seu "primeiro" capítulo – e aqui, tal como noutros locais, colocámos a numeração dos capítulos desta obra entre aspas, pois a própria Autora parece ter prescindido de

os numerar – somos colocados em contacto com um bosquejo clarificador da natureza da Filosofia numa Idade Média cuja periodização a Autora procurou deixar bem claro. No "segundo" capítulo, já depois de no fim do precedente se ter falado do medievalmente ubíquo Plotino (e antes deste talvez coubesse falar, igualmente, de Teão de Esmirna e Máximo de Tiro para se fazer a ponte entre o platonismo e o neoplatonismo), contactámos com as características gerais da filosofia dos apologistas cristãos, bem como com o pensamento de Justino de Siquém e Tertuliano. No capítulo seguinte, viajamos para a cosmopolita Alexandria e contactamos com a filosofia da escola catequética e teológica dessa cidade e, dentro desta, sobretudo com a de um Orígenes que ousadamente cogitou, e apresentou, o Cristianismo como o coroar de todas as filosofias precedentes. No "quarto" capítulo é-nos dado a conhecer o magma filosófico dos grandes capadócijs enquanto centralizados, curiosamente ou talvez não, no mais místico dos três: Gregório de Nissa (no nosso entender, acerca deste capítulo, fica um gosto de insuficiência pela não consideração, neste autor e tal como é patente nos seus comentários ao *Cântico dos Cânticos*, da estética espiritual como meio especial de conhecimento da Divindade que, conforme diz aquele texto (cf. *Ct.* 5,2), Se derrama no espírito como «gotas d[e] noite»).

Saltando, no "quinto capítulo", para a latinidade, somos imediatamente postos em contacto com o grandioso Agostinho e um seu pensamento que articula – como poucos e até a um excesso quiçá decorrente de uma, pelo menos aparente, não preocupação por uma satisfatória explicação metafísica da união alma-corpo – a alma humana com Deus. Uma articulação que marca toda uma sua filosofia que é, indubitavelmente, das mais relevantes

do período patrístico a par com Máximo o Confessor (nesta secção sentimos, francamente, a falta de uma alusão a Gregório Magno, não menos devido à importância, também a nível da gnosiologia, do seu adágio, repetido inúmeras vezes até ao fim do período considerado nesta obra, «amor ipse notitia est»). No "sexto" capítulo, regressamos ao Oriente e contactamos com Dionísio Pseudo-Areopagita (nome que, de acordo com a nossa convicção, é preferível a Pseudo-Dionísio Areopagita) e João Damasceno, de modo a conhecermos alguns dos traços fundamentais de algum "neoplatonismo cristão" (binómio que só é justo se tivermos bem em consideração que estes dois autores não foram neoplatónicos cristãos, nem, propriamente, cristãos neoplatónicos, mas pensadores cristãos que, ultimamente, se serviram de termos neoplatónicos para, des-neoplatonizando grandemente os conceitos a eles associados, comunicarem, de um modo mais fecundo dentro do seu enquadramento vital, a mensagem cristã).

Sensivelmente a metade desta obra, entramos na Alta Idade Média através da porta que foi a vida e o pensamento do malogrado (neo)platonista Boécio e, sobretudo num filão que atravessa quase toda esta obra que aqui recenseamos, a questão da bondade metafísica dos seres que, nele e como muitíssimo bem refere MMM, se cruza com a dos universais. No "oitavo" capítulo subimos para a corte carolíngia e o seu relativamente inovador método de ensino que, indo desaguar nas posteriores escolas tardo-medievais e não só, permitiu o florescimento do pensamento do, para nós, misterioso e simplesmente admirável João Escoto Eriúgena, o qual, no seu *Periphuseon* – título que, contemporaneamente, talvez fosse uma boa escolha para um livro de explicação das ramificações da física quântica em todas as áreas do saber

natural –, deixou para a sua posteridade uma obra virtualmente insuperável na compreensão do *exitus* e *reditus* criacional a partir do conceito de *sunkatabasis*; isto é, aquele tido como condescendência dadivante e estoutro como condescendência divinizante. Posteriormente, entramos em contacto com a Primeira Escolástica, por um lado, perfeitamente esboçada, nas suas impressões gerais, pela Autora, sobretudo na sua alusão ao já mencionado problema dos universais e, por outro, exemplificada no pensamento de Anselmo de Aosta (nome talvez preferível a Anselmo de Cantuária), particularmente as suas provas da realidade de Deus presentes nas suas *opera magna*. No "décimo" capítulo é abordada a linha, nada reta, que une o grande dialético e questionador que foi Pedro Abelardo à grande mística e renascentista *avant-garde* que foi Hildegarda de Bingen, através da alusão a algumas das escolas monástico-teológicas do século XII (diríamos apenas que esta secção poderia ser beneficiada se tivesse mostrado que a maior preocupação dos principais pensadores deste século foi a *ordinatio caritatis*).

Nos dois últimos capítulos desta obra somos confrontados com a apresentação muito sintética de alguns dos autores islâmicos e judaicos que mais impacto tiveram no pensamento medieval ocidental (neste sentido, não é de espantar a ausência de referência a al-Ghazali que, embora tenha apontado para algumas formas do, futuro e imponderado, ocasionalismo, defendeu que a divindade não está limitada sequer pela sujeição à verdade e ao bem) e, depois, com Boaventura de Bagnoregio, Tomás de Aquino e um Duns Escoto a representar as escolas filosóficas de duzentos. E a representá-las com uma das mais peculiares cogitações da reacção entre a metafísica – que versa sobre «[o] ser enquanto

ser» [p. 213] – e a teologia – que, em seu entender e numa posição com que nós mesmos discordaríamos, versa sobre «Deus enquanto Deus» [*idem*]. De todos os modos, neste "décimo segundo" e derradeiro capítulo, a Autora centra-se naquéloutros dois grandes pilares filosófico-teológicos do medievo, mais uma vez ao redor das suas metafísicas, antropologias e modos como, a partir destas, cogitam a capacidade de, e o conhecimento do Ser que Deus é.

Rica em convincentes textos pertinentemente escolhidos e apresentados por MMM – e que mais do que simples ilustrações do seu discorrer, quase podem ser considerados, enquanto vislumbrados a partir de fora da sua intencionalidade, como um dos entretecidos de fundo que guiou as preocupações da mesma –, é impossível chegar ao fim da leitura desta obra sem se sentir agraciado pela experiência de um trajeto potencialmente transformador. Transformador de um, mais ou menos profundo, conhecimento sobre o tema geral desta obra, num substancial saber qualitativo acerca do mesmo. Complementar a todos os principais manuais de teologia patrística e medieval, este livro, precioso também no elencar de sucintas mas margaríticas referências bibliográficas e exemplares quadros esquemáticos, é um *must* para qualquer estudante de filosofia e de teologia, em especial aqueles que possuem um verdadeiro interesse, por um lado, pela História da Igreja e, por outro, pelo desenvolvimento das ideias. Um *must*, sem dúvida, também porque ele mostra que a filosofia tida em observação possuiu uma caracterização específica que trouxe uma contribuição, significativa e distinta daquela que a precedeu, para o evoluir filosófico posterior.

A exposição de MMM, que dá atenção aos contrastes e encontros criativos entre o Oriente e o Ocidente, é perspicaz

e corretíssima do ponto de vista científico, mas sem ser minimamente ofegante ou escusadamente técnica. Os capítulos e apartados são breves, perfeitamente focados e provedores de boas visões de conjunto e, assim, mercedores não apenas de uma mera leitura, mas de uma leitura atenta que, numa das suas muitas virtualidades que estamos a disseminar ao longo destas nossas palavras, não pressupõe o domínio de panoramas ou vocabulários especializados. Na realidade, com a sua apuradíssima atenção e inteligência postas ao serviço desta obra, a Autora cobre, com palavras sensatas e buriladas certamente ao longo de anos de lecionação diante de sempre exigentes alunos, as personagens e assuntos que fizeram evoluir o pensamento filosófico patrístico-medieval. Fascinante, na nossa opinião, é que aquele supra-mencionado potencial transformativo também decorre do apontar de futuríveis e fascinantes interrogações e temas de estudo, que, no que a nós diz respeito, esperamos vivamente que possam, um dia, vir a enriquecer ainda mais esta obra (por exemplo, com alguma referência, no "sexto" capítulo e ainda que de um modo enviesado face ao seu título, ao grande Máximo o Confessor e depois, num eventual ulterior capítulo, a Guilherme d'Ockham e Eckhart von Hochheim).

Não nos é fácil encontrar deficiências nesta obra de MMM. Talvez se pudesse dizer que esta poderia ser enriquecida com um índice onomástico, que é, tantas e tantas vezes, um instrumento muito valioso numa obra com estas características; ou que se poderia ter tido um maior cuidado na revisão de algumas passagens como, por exemplo, a referência à «visio spiritualis» [p. 65]; ou, então e por fim, ter-se mostrado mais claramente que – não obstante uma grande, e evidente, flutuação polissêmica ao redor dos conceitos "yuch,", "pneu/ma", "nou/j"

e "Pneu/ma" –, há, na maioria dos autores de estirpe oriental de idioma grego, a premente necessidade de se distinguir estas realidades, sob pena de se estar a tresler o pensamento dos mesmos. Mas quem é que somos nós, que não somos exemplares em nada do que acabámos de referir, para apontarmos estas carências? Ninguém. É por isso que preferimos,

mais uma vez, louvar: a Autora pelo seu valiosíssimo labor; àqueles que a incentivaram a realizar estoutro; e, enfim, a própria Universidade Católica Editora-Porto, graças à qual este manual, que é uma genuína obra de salubridade intelectual pública no mundo da filosofia portuguesa cada vez mais isolada nos seus castelos inconsequentes, pôde ser editado.

Alexandre Freire Duarte